

## Notas Compreensivas sobre o Perfil Jornalístico como Gênero<sup>1</sup>

Renata CARRARO<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

Dimas A. KÜNSCH<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Paulo, SP

### RESUMO

O texto representa um esboço provisório de um livro em construção, programado para 2021. A mirada compreensiva aplicada ao perfil jornalístico como gênero o insere no universo amplo de possibilidades desse modo de expressão da informação jornalística, em diálogo com formas antigas e atuais de formulação, apresentação e veiculação da narrativa jornalística. Elegemos como método de escrita o gênero do ensaio, que se entende originalmente como compreensivo, isto é, dialógico e conversacional em suas intenções mais originais, para além da presunção de um contato vivo com a experiência – no caso, principalmente, a experiência dos autores nas áreas da pesquisa e do ensino. Os resultados esperados são dois: o debate desse assunto/proposta de livro com os pares da Intercom e, segundo, um passo adiante na preparação do livro que se anuncia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; gêneros; perfil jornalístico; compreensão; método.

### INTRODUÇÃO

Em “Narrar é preciso: uma viagem pelas teorias e práticas do perfil jornalístico”, sua tese de doutoramento, Renata Carraro (2019) traça um perfil do perfil jornalístico na atualidade, em diálogo com autores brasileiros e também estrangeiros. Busca entender suas fontes intelectuais/espirituais, no Jornalismo Literário, e materiais, na revista *The New Yorker*. Identifica suas marcas identitárias no universo da apuração e da edição do texto jornalístico. Estuda um conjunto de experiências nacionais, da bem conhecida e até hoje maior experiência brasileira de reportagem – a revista *Realidade* – a coletâneas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo-SP. E-mail: renata.carraro@espm.br.

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: dimas.kunsch@metodista.com.

---

inteiras de perfis de todos os tipos e para todos os gostos. Encerra o trabalho, cuja natureza principal advém da experiência teórica e prática da autora e dos autores que ela mobiliza, com uma investigação detalhada do projeto que ela conduz, junto a alunos de Jornalismo, com três obras publicadas, perfazendo um total de 40 perfis produzidos pelos alunos, todos de profissionais jornalistas brasileiros.<sup>4</sup>

Este texto retoma alguns dos mais importantes conteúdos dessa tese, relaciona-os com algumas das produções recentes dos autores sobre o tema e produz com isso um esboço, sempre provisório, de um livro em construção, previsto para o ano de 2021, para alunos de Jornalismo, tendo em conta que a produção brasileira sobre o tema do perfil jornalístico encontra-se bastante defasada.<sup>5</sup>

Dois são os resultados imediatos esperados pelos autores: debater o projeto de livro com os seus pares no interior do grupo de pesquisa “Gêneros Jornalísticos” – sem entrar, no entanto, na discussão sobre o perfil jornalístico como um gênero específico, ao lado de outros, do jornalismo –, e, segundo, avançar na elaboração da proposta, com vistas à produção do livro.<sup>6</sup>

O método aqui aplicado é fundamentalmente descritivo-interpretativo, ambientado no que Dimas A. Künsch (2020) chama de método da compreensão no interior do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, liderado por ele desde a sua fundação, em 2008. De natureza dialógico-conversacional – tecendo relações de aproximação a diferentes teorias e práticas, áreas de conhecimento e distintas formas de conhecimento, disciplinar ou não-disciplinar –, a mirada compreensiva prevê em suas

---

<sup>4</sup> As obras são as seguintes: *Não é aventura, é reportagem: Jornalistas e a cobertura de conflitos* (CARRARO, 2013), *Jornalismos: histórias de uma arte plural* (CARRARO, 2015) e *Elas amam o que fazem: Perfis de mulheres jornalistas* (CARRARO, 2017).

<sup>5</sup> A mais reconhecida obra sobre perfil jornalístico foi lançada, no Brasil, em 2002, pela editora Summus, com o título de *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*. O autor, o jornalista e professor Sergio Vilas-Boas, a relançou, em 2014, com um novo título, *Perfis: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio*, pela editora Manole. A obra retoma os mesmos conteúdos da edição anterior e acrescenta um ensaio que retoma, amplia e faz ajustes ao texto anterior. Fora essa obra, resumem-se quase que somente a artigos, dissertações e teses desenvolvidas sobre o tema, em distintos Programas de Pós-Graduação. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade* (PANIAGO, 2008) é um exemplo de tese, desenvolvida no curso de Doutorado em Comunicação da Universidade de Brasília, utilizado por Renata Carraro na tese que serve de base para estas reflexões.

<sup>6</sup> Está previsto para o final do primeiro trimestre de 2021 o lançamento, pela editora Appris, da tese de doutoramento de Renata Carraro, com o título de *Perfil jornalístico: uma viagem ao mundo de suas teorias e práticas*.

---

intenções mais elevadas também um diálogo possível (Medina, 1990) entre distintos gêneros jornalísticos, distintas categorias, teorias e práticas.<sup>7</sup>

A proposta/aposta compreensiva, ainda no âmbito do método aplicado a este trabalho, opera preferencialmente no espectro do ensaio, a partir da ideia de que é fundamental a renúncia voluntária e consciente a toda tentativa racionalista de estabelecer, como propósito da conversa, a afirmação de verdades e certezas de tipo absoluto. A violência embutida em todo projeto racionalizador é inimiga do diálogo. O ensaio, com suas promessas e também com os seus limites, aponta de modo transparente e vigoroso para isso (ADORNO, 1986).

Quatro são os pontos em que se divide este texto, enumerados como subtítulos na sequência. O número 4 não possui qualquer importância maior que delimitar de algum modo o arco da discussão. Poderiam ser mais ou também menos os recortes, uma vez que, como bem se sabe e se verá, um assunto atravessa o outro de uma forma que toda divisão não vai além da necessidade de estabelecer fins teóricos e, no caso, também didáticos.

Uma razão bem concreta, aliás, é que os sete pontos que tínhamos originalmente imaginado desenvolver, não puderam ser todos abordados, em função do espaço oferecido aos autores dos textos submetidos à Intercom. Os temas adicionais são recuperados brevemente na parte final do ensaio.

## 1. AMBIENTE MATERIAL DO PERFIL JORNALÍSTICO

A história do perfil jornalístico encontra-se umbilicalmente ligada à mais prestigiada revista desse campo, a *The New Yorker*, que foi onde o gênero recebeu esse nome e onde encontrou, desde o início, e continua encontrando, um território propício para a sua prática e expansão (CARRARO, 2019).<sup>8</sup> Toda a história da revista e de suas

---

<sup>7</sup> Em “A compreensão, a explicação e a comunicação: uma breve explicação sobre por que não gostamos tanto de explicação”, trabalho apresentado ao GP Teorias da Comunicação, do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, no âmbito do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Künsch e Carraro (2019), apresentam de forma quase lúdica, mas nem por isso menos séria, algumas das diferenças entre o que também ali se chama de Signo da Compreensão em diálogo com o Signo da Explicação, a partir da rejeição à explicação como camisa-de-força de todo pensamento, como menina dos olhos do racionalismo positivista.

<sup>8</sup> Carraro, Künsch e Lemos (2019), no texto de que neste trabalho se fala para a SBPJor 2019, ocupam-se brevemente com a história de David Remnick, o quinto e atual editor-chefe da *The New Yorker*, o único dos editores-chefes com formação e experiência de repórter. O caso de amor entre Remnick, a *The New Yorker* e, também, o perfil jornalístico pode ser observado em vários lançamentos dos últimos anos. Um dos mais conhecidos é *Reporting: writings from The New Yorker*, publicado em 2006 e traduzido no mesmo ano para o português, com o título de *Dentro da floresta: perfis e outros escritos da revista The New Yorker*

---

interfaces com o fenômeno do *New Journalism*, do Jornalismo Literário e do perfil jornalístico merece ser contemplada no livro que estamos preparando.

Trabalho produzido para o 17º Encontro Nacional da SBPJor, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em Goiânia (GO), no mês de novembro de 2019, traz por título “O berço material do perfil jornalístico”, com o seguinte resumo:

A revista *The New Yorker* como berço material do perfil jornalístico desde o seu lançamento, em 1925, no contexto do Jornalismo Literário, seu berço espiritual. O estudo bibliográfico trata das condições favoráveis para o exercício da narrativa jornalística extensa e de qualidade pela revista, ouve a voz e se ocupa com a produção de seu atual diretor, David Remnick, e finaliza com a análise empírica, de natureza jornalística, de *O segredo de Joe Gould* (Joseph Mitchell) e de *Hiroshima* (John Hersey) como exemplos do uso do perfil jornalístico como parte essencial da narrativa (CARRARO/ KÜNSCH; LEMOS, 2019, p. 1).

Depois de descrever na primeira parte como o perfil jornalístico nasceu na revista *The New Yorker* (“1. O perfil jornalístico nasce na *The New Yorker*”); de mostrar as condições favoráveis para o exercício do bom jornalismo pelos “escritores” (como eram chamados os jornalistas) e, inclusive, para a produção de perfis (“2. Condições favoráveis para o sucesso da revista”); de apresentar o atual diretor-executivo da revista, um amante do perfil jornalístico e do Jornalismo Literário (“3. David Remnick: memória ativa e espírito vivo”); e de apresentar dois famosos casos de perfis jornalísticos que nasceram na *The New Yorker* (“4. Joseph Mitchell e ‘O segredo de Joe Gould’: saber escutar” e “5. John Hersey e ‘Hiroshima’: saber compreender”), os autores concluem:

A origem material se encontra tanto no fato de ter sido dado nela o nome de perfil jornalístico ao gênero de expressão jornalística ali cultivado, em um primeiro momento para distingui-lo da biografia, quanto no cultivo em larga escala desse tipo de produção textual nessa que é considerada a mais importante e famosa revista jornalística do mundo (CARRARO/ KÜNSCH; LEMOS, 2019, p. 13-14).

---

(REMICK, 2006), publicada pela Companhia das Letras como parte da coleção “Jornalismo Literário”. O título da obra recebe o seguinte complemento, na capa: “Na melhor tradição do Jornalismo Literário, grandes perfis traçados pelo editor da revista *The New Yorker*”.

## 2. AMBIENTE ESPIRITUAL DO PERFIL JORNALÍSTICO

No mesmo trabalho anterior, para o Encontro Nacional da SBPJor, dando continuidade às considerações finais apontadas no final do parágrafo anterior, escrevem os mesmos autores, abrindo para o segundo tema que pretendemos abordar no livro em preparação, o do Jornalismo Literário como berço espiritual do perfil jornalístico:

Dado o merecido crédito à revista de ter sido historicamente o berço material do perfil jornalístico, é imperioso simultaneamente reconhecer o importante papel dessa mesma revista no cultivo do Jornalismo Literário, ao qual estamos dando o nome de berço espiritual desse mesmo perfil. Sendo assim, quase que não se consegue separar uma coisa e outra quando se trata da *The New Yorker*, embora o campo fértil e complexo do Jornalismo Literário não possa nem deva ser identificado com a revista. Interessante seria investigar o papel desempenhado pelo próprio perfil jornalístico na ampliação e consolidação do Jornalismo Literário. Aí, a conversa seria mais longa (CARRARO/ KÜNSCH; LEMOS, 2019, p. 14).

“O berço espiritual e material do perfil jornalístico” é o título do segundo capítulo da tese de Carraro (2019), que se divide em três momentos analíticos. O primeiro trata do “berço espiritual do perfil jornalístico”, que neste trabalho preferimos trazer em segundo lugar na lista de pautas para os capítulos do livro em construção. O segundo analisa a história, os contextos e os resultados de um dos perfis mais famosos de Gay Talese, *Frank Sinatra has a cold*, publicado em 1966, não na *The New Yorker*, mas na *Enquire*, onde o então jovem repórter trabalhava. O terceiro momento é o do “berço material do perfil jornalístico”, tema desta parte do nosso trabalho, que foi objeto de um texto apresentado a este mesmo Congresso de Comunicação, o Intercom 2020, no grupo de pesquisa de “Teorias do Jornalismo”, com o título “O Jornalismo Literário como berço espiritual do perfil jornalístico” e o seguinte resumo:

O texto traz para a discussão com os pares da Intercom uma síntese de parte de um dos capítulos da tese intitulada “Narrar é preciso: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico”, defendida pela autora na Universidade Metodista de São Paulo, em 2019. No capítulo da tese, como aqui, o gênero jornalístico

---

do perfil é inserido no ambiente intelectual/espiritual do Jornalismo Literário, o que se dá, em suas origens e até os dias de hoje, nas páginas da mais famosa revista de jornalismo do mundo, a *The New Yorker*, a que, na tese e em outros textos, dou o nome de “berço material do perfil jornalístico”. O método descritivo empregado se orienta basicamente pelas propostas de entendimento dos autores brasileiros Sergio Vilas-Boas, Edvaldo Pereira Lima e Monica Martinez, entre os principais (CARRARO, 2020, p. 1).

No texto em questão, a autora se ocupa inicialmente com o tema do Jornalismo Literário, em dois momentos (“Breves notas sobre o Jornalismo Literário” e “Quatro técnicas principais”), para tratar na sequência, a partir dos estudos de Edvaldo Pereira Lima (2009), daquilo que esse autor brasileiro, jornalista e pesquisador, chama de princípios filosóficos do Jornalismo Literário, a saber: Exatidão e precisão; Contar (uma) história; Humanização; Compreensão; Universalização temática; Estilo próprio e voz autoral; Imersão; Simbolismo; Criatividade e Responsabilidade Ética. Escreve Carraro (2020, p. 6-7):

O mais simples e elementar conhecimento do perfil jornalístico por parte de quem quer que seja irá revelar, sem qualquer grande dúvida, o imbricamento da história do perfil jornalístico com o Jornalismo Literário. Difícil encontrar qualquer exemplo de perfil que fuja desse ambiente espiritual, ainda que o seu autor possa apreciar a discussão sobre nomenclaturas, eventualmente até discordando de se dar o nome de Jornalismo Literário ao jornalismo que efetivamente faz. Não é o nome o que mais interessa. Por isso prefiro chamar de “berço espiritual”, para pensá-lo mais como um ambiente, um campo semântico, uma experiência, e não tanto como um conceito.

Na visão da autora, ninguém melhor do que Lima (2009) para descrever esse campo semântico e essa experiência, “de forma exemplar” (CARRARO, 2020, p. 7), configurando aquilo a que Lima dá o nome, como apontado, de princípios filosóficos do Jornalismo Literário. Uma apresentação sucinta desses princípios traz, nas Considerações Finais, o seguinte comentário da autora:

Mais do que provar a relação umbilical do perfil jornalístico com o Jornalismo Literário, ocupei-me neste texto em trazer de novo à memória em que consiste, em grandes linhas, isso a que eu dei o nome de “berço espiritual” desse gênero de produção e expressão da mensagem jornalística.

[...]

---

Falar do perfil jornalístico nos dias que correm, de rápidas mudanças no jornalismo e, mais ainda, no mundo da vida, em função de tantas coisas acontecendo, sobretudo, no campo das inovações digitais, é acentuar sempre de novo o papel histórico fundamental dos personagens humanos nesse mesmo mundo. Sem esses personagens, por anônimos que sejam, heróis ou anti-heróis, nem história existe para contar. Nem jornalismo existe.

### 3. PERFIS DE PESSOAS, ANIMAIS, COISAS

“Cães, ratos, urubus e outros bichos: uma visão compreensiva do perfil jornalístico” é o título do texto apresentado à edição 2020 do Encontro Nacional da SBPJor, assinado por Carraro e Künsch (2019), que trata de uma extensão da compreensão sobre o perfil jornalístico, para abarcar também histórias contemporâneas de outros seres animados, mas não humanos, bem como de seres inanimados, coisas, de tudo. Na tese, o confronto com a ideia de que só existe perfil de gente, e gente viva, como defendida por Vilas-Boas (2014, p. 272), se dá de forma prática no terceiro capítulo da tese, “Cenários brasileiros”, em “Três modos ou espaços de produção” do perfil jornalístico (CARRARO, 2019, p. 183). Interessam-nos, aqui, os dois primeiros modos, um deles, o primeiro, que apresenta um estudo da obra *Bandido raça pura: e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas*, de Fred Melo Paiva (PAIVA, 2014), e o segundo, que traz o tema dos obituários, ou perfis de mortos.

“Os estudiosos da intensa produção atual de obituários costumam utilizar com frequência a palavra revolução para tentar dizer o que vem acontecendo nesse campo, desde pelo menos os anos 1960, com a iniciativa pioneira do *The New York Times* de mudar completamente o seu modo de falar de quem morreu”, escreve Carraro (2019, p. 196).

O resumo do trabalho escrito a quatro mãos para o Encontro Nacional da SBPJor-2020 traça as coordenadas da discussão a respeito de por que defendemos, a partir das pesquisas de Carraro sobre o perfil jornalístico, que tudo pode virar perfil, produção de sentidos sobre a contemporaneidade, ainda que se deva acrescentar que o ser humano é o foco de todo e qualquer perfil, não interessa o seu objeto:

Com a liberdade, a leveza e ao mesmo tempo a seriedade que o gênero do ensaio acadêmico inspira e evoca, este texto possui um objetivo geral – a defesa do modo de escrita do perfil



---

jornalístico – e outro específico: defender uma visão ampla e compreensiva desse mesmo perfil, tendo como interlocutor principal o jornalista e escritor brasileiro Sérgio Vilas-Boas, para quem o perfil jornalístico pode tão-somente ter como objeto/sujeito um, e somente um ser humano. O ponto de vista contrário, que não nega completamente, mas integra essa visão num contexto conversacional mais amplo, para abarcar também sujeitos não humanos, inclusive coisas, está fundado na ideia de um pensamento compreensivo, que, metodologicamente, verifica o que é possível, num texto como este, das teorias sobre o perfil jornalístico e, particularmente, se ocupa com a leitura, análise e interpretação da obra *Bandido raça pura*, do jornalista Fred Melo Paiva, lançada em 2014.

O primeiro subtítulo reivindica “1. Uma visão ampliada do jornalismo”, enquanto o segundo se refere ao fato de que “2. O cachorro Boris não era um cão”, a emocionante história de um cão-guia que provocou uma mudança na legislação para afirmar o direito de todo cego ser acompanhado por seu cão no uso do transporte público em São Paulo. O subtítulo seguinte é sobre “3. Carniça, Lodo e Sujeira”, os famosos “Urubus da Bienal”, da 29ª. Bienal de Arte de São Paulo, em 2010, cuja história nos leva ao município de Itabaiana, no Sergipe, a 45 km de Aracaju, onde a saga do bicho-animal se encontra com a do bicho-homem, na pessoa de José Percilio, numa relação viva daquilo que Martin Buber (2004) chama de Eu-Tu, a palavra-princípio instituidora do humano, por excelência.

As duas histórias, do cachorro e dos urubus, são exemplos de perfis de animais, escritos por Paiva (2014), cuja obra está no centro da discussão também do trecho seguinte do trabalho, “4. Das coisas (supostamente) inanimadas”. Os autores encerram o texto já não com “Considerações finais”, e, sim, com um “5. Para começo de conversa”, atentos ao fato de que o ensaio, diferentemente do artigo científico, não exige que se parta de um ponto determinado na conversa com o objetivo de se chegar a alguma (suposta) conclusão. Afirmam os autores, entre outras coisas:

Parece-nos, em primeiro lugar, que o perfil – fugindo às racionalizações e ao “cartesianismo”, a que se refere Amate (2013), por parte de quem pretende mantê-lo sob a camisa-de-força do “bicho-homem”, se situa mais no campo da cultura e da produção de sentidos que da pura matéria e do racional. Este nos parece um motivo suficiente pelo qual pode, sim, haver perfis de qualquer coisa, assim como existe perfil de gente. Essa percepção compreensiva, ampla, plural e ecológica do perfil pode complexificar, com resultados positivos, a ideia do foco humano, no



---

sentido de fazer dela uma visão dialógica do mundo e das coisas, mais aderente às buscas contemporâneas por respeito ao Planeta e aos seres todos que nele habitam (CARRARO; KÜNSCH, 2020, p. 14).

## **JORNALISTANDO, COM ALUNOS DE GRADUAÇÃO**

O projeto “Jornalizando”, um estudo de caso analisado por Carraro em sua tese de Doutorado em Comunicação Social, nasceu e situou-se, entre os anos de 2009 a 2019, nas Faculdades Integradas Rio Branco, no bairro da Lapa, em São Paulo, sob a coordenação de Renata Carraro, e desafiava os alunos a produzir perfis jornalísticos de anônimos, no início, e de grandes nomes da área jornalística, logo depois. Em seu primeiro ciclo, foi desenvolvido junto às turmas de sétima etapa, ou sétimo semestre – quarto e último ano –, no âmbito da disciplina “Edição 3”.

Contudo, veio a constatação de que os alunos sentiam-se sobrecarregados com a execução concomitante das tarefas da produção do perfil e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e, assim, o conteúdo programático da disciplina “Edição 3” foi transferido para a de “Edição 2”, na sexta etapa, ou sexto semestre – terceiro ano –, que no novo currículo ganhou o nome de “Jornalismo Literário e grande-reportagem”.

O Projeto “Jornalizando”, em seus dez anos de vida, rendeu frutos: três livros com quarenta histórias publicadas. Cabe ressaltar que, antes da publicação do primeiro livro, *Não é aventura, é reportagem: jornalistas e coberturas de conflitos* (CARRARO, 2013), os textos do projeto foram publicados por outros meios.

A primeira tentativa deu-se por meio do extinto site Texto Vivo, que estava ligado à Associação Brasileira de Jornalismo Literário, a ABJL, que nasceu como um desdobramento natural e indireto do trabalho que Edvaldo Pereira Lima desenvolvia na pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Só depois, a partir de uma conversa com a Editora InHouse, a publicação impressa dos melhores textos produzidos pelos alunos ganhou contornos mais firmes.

O nome do projeto só veio depois da primeira coletânea, assim que se percebeu existirem condições objetivas de continuidade da iniciativa. O substantivo em forma de verbo no gerúndio expressa a ideia de uma ação presente que continua no tempo: em fase de formação, os aprendizes de feiticeiros exercitam-se na profissão por meio do projeto laboratorial. Começam ali, efetivamente, a “jornalstar”, ou a “jornalstar-se”. Esse

---

“sentir-se jornalista” aparece com frequência no relato dos autores, e isso acontece com mais intensidade, quase sem exceção, pela primeira vez ao longo do curso de Jornalismo.

Há, aqui, uma intencionalidade. Com a produção de perfis, os estudantes de Jornalismo colocavam-se, de forma viva e vibrante – como costuma acontecer com os jovens – com aquilo que se supõe representar as melhores histórias do campo da profissão de jornalista. Essa suposição é suportada pela metodologia de que as escolhas dos personagens e de suas histórias se dão no curso do próprio processo inicial de debate sobre o que fazer e com que objetivos. Sobre os modos como esse contato se dá e seus reflexos na vida do “autor que é também herói” (CARRARO, 2013).

Não há uma só linha que determine as definições sobre o funcionamento do projeto ou seus temas previamente definidos: tudo era debatido com os alunos em sala de aula, construindo assim o “chão de fábrica” das aulas, que foi se adaptando ao formato que melhor funcionou até o encerramento provisório do projeto, que ocorreu com o fechamento da universidade, no fim do segundo semestre de 2019.

## **OUTRAS PAUTAS IMPORTANTES**

Originalmente, nós, os autores, tínhamos pensado conseguir abordar três outros temas, e teríamos alcançado então o número 7, mas isso não foi possível, tanto por uma questão de tempo quanto de espaço. Achamos útil, no entanto, nomeá-los rapidamente, uma vez que essa conversa, como dissemos no início, não termina aqui.

Sob o título “*Frank Sinatra has not a cold anymore*”, tínhamos brincado com o fato de que, às vezes, temos a sensação de que, de tão brilhante o perfil escrito por Gay Talese e em tão inusitadas condições, muitos parecem dar a entender que a produção de perfis jornalísticos, atingida a glória do Olimpo, tenha de algum modo se encerrado por ali. Essa mania de endeusar o passado não costuma dialogar muito, e de forma proveitosa, com os ritmos da realidade e da vida. E, então, tínhamos, como pretendemos fazer no livro, chamado a atenção para a enorme riqueza de perfis jornalísticos produzidos nos dias atuais, em diferentes plataformas, redundando numa produção rica de coletâneas, que tentam registrar o melhor dessa produção.

“Perfil como vínculo numa sociedade de conexões” teria sido um outro ponto a ser abordado, com a intenção de traçar uma diferença importante entre vínculo – o próprio da Comunicação – e conexões, que conversa melhor com a ideia de informação. A

---

distinção é mais do que de natureza teórica. Ora, Jornalismo é vínculo, em muitos sentidos e direções. Perfil jornalístico sem vinculação não existe, não passando de uma farsa. Mais do que em qualquer outro gênero, é no perfil jornalístico que o Signo da Relação (MEDINA, 2006) se faz e se refaz.

O ponto anterior se mistura de muitos modos com o seguinte, dentro da nossa proposta inicial, que levava o título de “Perfil é profundidade, solidez, num mudo líquido. A metáfora do líquido (BAUMAN, 2001) consegue dar bem a dimensão de um tipo de cultura que, em constante e veloz mudança nos sagrados territórios das inovações tecnológicas, costuma se traduzir com frequência em modos de produção jornalística que preferem endeusar a técnica, empurrando para debaixo do tapete questões tão importantes quanto a ética e a estética. Essa metáfora, mais uma vez, não pretende despertar um saudosismo que não costuma levar a nada, mas chamar a atenção para a “devoção do pensar”, como afirma Heidegger numa das últimas linhas do seu famoso ensaio sobre “A questão da técnica” (HEIDEGGER, 2007, p. 375-98), onde se fica sabendo, como ele diz e como tão bem nos mostra a experiência do viver nestes nossos tempos de euforia tecnológica, que “a questão técnica não é técnica”.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan (Orgs.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.

AMATE, Elisson Tiago Barros. **Perfilar coisas**: o inumano no centro da narrativa jornalística. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

CARRARO, Renata. Jornalismo e história de vida: o protagonista é herói e o autor também é. In: GOTTLIEB, Liana (Org.). **Comunicação em cena**. V. 3. São Paulo: Fábrica de Livros, 2013.

CARRARO, Renata (Org.). **Não é aventura, é reportagem**: jornalistas e coberturas de conflitos. Jundiaí/SP: Editora In House, 2013.

CARRARO, Renata (Org.). **Jornalismos**: história de uma arte plural. Jundiaí/SP: Editora In House, 2015.

CARRARO, Renata (Org.). **Elas amam o que fazem**: perfis de mulheres jornalistas.

---

Jundiaí, SP: In House, 2017.

CARRARO, Renata. **Narrar é preciso**: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico. Tese de Doutorado em Comunicação Social. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas A. A compreensão, a explicação e a comunicação: uma breve explicação sobre por que não gostamos tanto de explicação. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2019)**. Belém, PA: 2019. Disponível em:  
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0693-1.pdf>. Acesso em 12 out. 2020.

CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas A.; LEMOS, Jaqueline. O berço material do perfil jornalístico. **Anais do 17º Encontro Nacional da SBPJor**. Goiânia, GO, nov. 2019. Disponível em:  
<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/2040/1200>. Acesso em: 12 out. 2020.

CARRARO, Renata. O jornalismo literário como berço espiritual do perfil jornalístico. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2020)**. Salvador, BA: 2020. No prelo.

CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas A. Cães, ratos, urubus e outros bichos: uma visão compreensiva do perfil jornalístico. **Anais do 18º Encontro Nacional da SBPJor**. 2020.

CARRARO, Renata. **Perfil jornalístico**: uma viagem ao mundo de suas teorias e práticas. Curitiba: Editora Appris, 2021. No prelo.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. Disponível em:  
<[http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2020.

KÜNSCH, Dimas A. **Compreender**: indagações sobre o método. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri/SP: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

PAIVA, Fred Melo. **Bandido raça pura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

---

PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior**: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. Tese (Doutorado em Comunicação - Jornalismo e Sociedade. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

REMNICK, David. **Dentro da floresta**: perfis e outros escritos da revista The New Yorker. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TALESE, Gay. Frank Sinatra está resfriado. In: **Fama e anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 257-307.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio. 3. ed. Barueri/SP: Manole, 2014.